

A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO PRECOCE PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

SAMARA MARTINS MUNHOZ¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL².

¹Universidade Federal de Pelotas – cyssa_pel@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética determinada pela presença de um cromossomo a mais no par 21, conhecida também como trissomia 21, pois ao invés de dois cromossomos, a célula formada apresenta três. As crianças com SD apresentam um atraso no desenvolvimento global, que se reflete também no processo de aquisição da linguagem. A linguagem é uma forma de comunicação que permite integração e participação social ativa, um veículo facilitador de estruturas de pensamento e um meio de aprendizagem (TRISTÃO, 1998, p. 127). Ela divide-se em duas áreas: receptiva e expressiva. Linguagem receptiva consiste na compreensão de palavras e gestos, de modo que a linguagem expressiva incide na probabilidade de usar gestos, palavras, símbolos escritos e outros signos para a comunicação. Durante a constituição das habilidades linguísticas, a criança com Síndrome de Down constrói a compreensão sobre o mundo ao seu redor, no entanto, a aparição desse entendimento por meio de palavras faladas, exige mais tempo do que comumente acontece com as crianças comuns (GUNDERSEN, 2007). Para que haja o desenvolvimento da linguagem – característica das funções psicológicas superiores –, são necessárias constantes interações sociais e verbais com os colegas, educadores e familiares (VYGOTSKY, 2003). Para um bom desenvolvimento da linguagem oral, a estimulação precoce é primordial. Segundo GIACCHINI (2011), a estimulação precoce pode ser definida como uma série de exercícios que visam promover o desenvolvimento das habilidades da criança em diversas áreas cerebrais: sensorial, motor, cognitivo, e de linguagem, e, se necessário for, incluí-la no âmbito familiar (GIACCHINI, 2011). O trabalho com a estimulação envolve diversas ciências, como fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, e psicologia, norteando os familiares a realizar essa estimulação de forma dinâmica. Para BRANDÃO (1990), o trabalho de estimulação precoce tem como princípio básico, o acompanhamento clínico-terapêutico de crianças e bebês de alto risco e com patologia orgânica, na direção de propiciar, na intervenção junto a estes e sua família, que os fatores estruturais (maturação, estruturação psíquica e cognitiva) e instrumentais (linguagem e comunicação, brincar, aprendizagem, psicomotricidade, início da autonomia e socialização), possam se articular de forma que a criança consiga o melhor desenvolvimento possível. O ponto central de referência é a estruturação ou reestruturação da função materna, abrindo espaço para a constituição da criança como sujeito psíquico capaz de autossignificar-se (BRANDÃO, 1990). O auxílio de profissionais especializados nas dificuldades de comunicação (no caso fonoaudiólogos) é fundamental para amparar as famílias a verificarem as dificuldades de desenvolvimento da criança, proporcionando a melhor maneira de estimulá-la em casa. O apoio do fonoaudiólogo contribui para um desenvolvimento global de melhor qualidade, diminuindo o atraso cognitivo, trabalhando a hipotonia muscular

e a motricidade orofacial evitando as dificuldades na fala. Desse modo, uma fala mais clara poderá impedir e/ou diminuir o preconceito e o bullying. Diversos pesquisadores constataram que a maioria das crianças passa a maior parte de seu tempo em casa com seus familiares, sendo assim, os cuidados e a estimulação por parte da família é muito importante para o aprendizado da fala dos pequenos. Ressalta-se que mesmo com o auxílio de especialistas e a estimulação no âmbito familiar, a criança com Síndrome de Down carece de tempo prolongado para uma comunicação com um vocabulário adequado das palavras.

Esta pesquisa tem por objetivo revelar a importância da estimulação precoce para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças com SD, através da análise de cunho qualitativo feita a partir da coleta de dados de um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação, com o intuito de corroborar com a integração e aceitação efetiva desses indivíduos na sociedade. Visto que, as crianças com Síndrome de Down têm um atraso na aquisição da linguagem oral, o trabalho com a estimulação precoce e a intervenção de profissionais especializados no caso, beneficia significativamente o desenvolvimento das habilidades dessas crianças, socializando-as com a família, o meio em que vivem e com o mundo, além de contribuir para a prevenção de preconceitos futuros.

2. METODOLOGIA

Os dados aqui analisados fazem parte do banco de dados da pesquisa Aquisição da linguagem oral e escrita de pessoas com síndrome de Down (RANGEL, 2010), da Faculdade de Educação, UFPEL. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semi-estruturada aplicada a 46 mães cujos filhos foram diagnosticados com a síndrome, na cidade de Pelotas, a qual abarca informações sobre as habilidades gerais, educação, estimulação e saúde dos pesquisados, bem como, a idade que o observado aprendeu a falar as primeiras palavras, como também, as primeiras frases, a fala compreendida por familiares, fala compreendida por todos, e a fala espontânea, se frequenta ou frequentou escola regular e/ou especial, se fez estimulação, quais atividades foram realizadas (fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, música, e outros), se os pais sabiam o que é a síndrome, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos indicam que doze dos pesquisados fizeram estimulação precoce com o acompanhamento de um fonoaudiólogo e outros especialistas, no qual, obtiveram um melhor desenvolvimento da linguagem oral, apresentando as primeiras palavras em torno dos oito e doze meses de idade, e a fala espontânea na faixa etária com média entre dois anos e dois anos e seis meses. Por outro lado, quinze filhos das mães entrevistadas fizeram estimulação juntamente com os outros profissionais especializados, porém, sem o auxílio do fonoaudiólogo, e apresentaram as primeiras palavras na média de idade entre quatro anos e quatro anos e seis meses. Por fim, dezenove dos observados não receberam nenhum tipo de estimulação, e por consequência disso aprenderam as primeiras palavras entre os quatro e cinco anos de idade, e a fala espontânea na média entre sete a quinze anos. Vejamos os dados no Quadro 1.

QUADRO 1: Comparação entre diferentes estimulações.

Número de pesquisados com estimulação precoce com auxílio todos os especialistas.	Número de pesquisados com estimulação precoce sem a presença do fonoaudiólogo.	Sem estimulação precoce e faixa etária da aquisição da linguagem oral
12	15	19
Faixa etária das primeiras palavras aprendidas	Faixa etária das primeiras palavras aprendidas	Faixa etária das primeiras palavras aprendidas
8 - 12 meses de idade	3 - 4 anos e 6 meses de idade	4 - 5 anos de idade
Faixa etária da fala espontânea	Faixa etária da fala espontânea	Faixa etária da fala espontânea
2-2 anos e 6 meses de idade	5-7 anos e 6 meses de idade	7 - 15 anos de idade

Como podemos observar no Quadro 1, a estimulação precoce juntamente com o auxílio de profissionais especializados, principalmente com o apoio de fonoaudiólogos, contribui de modo muito eficaz para o desenvolvimento da linguagem oral em pessoas com Síndrome de Down, visto que, doze das pessoas analisadas apresentaram aquisição da fala anterior ou de acordo com a faixa etária estimada, quinze aprenderam a falar em um período um pouco mais tardio, e dezenove tiveram a aquisição da linguagem oral além da faixa etária esperada.

4. CONCLUSÕES

De acordo com os dados obtidos na pesquisa, pode-se concluir que a estimulação precoce e a intervenção dos demais especialistas são de suma importância para um bom desenvolvimento da linguagem oral em crianças com Síndrome de Down. Observa-se ao longo deste trabalho, que as pessoas com SD apresentam um desenvolvimento da fala mais demorado em relação às crianças ditas “normais”. De fato, se este déficit for amenizado o quanto antes, a criança com Síndrome de Down poderá ter uma melhor qualidade de vida, tendo também a possibilidade de ter uma boa comunicação com os demais indivíduos que a cerca.

Por fim, se cada vez mais as famílias, principalmente os pais de crianças com SD, ficarem cientes do benefício da estimulação precoce e dos profissionais especializados para com seus filhos, pode-se almejar a conquista da melhoria da condição de vida dessas pessoas, além de contribuir com a afetividade no âmbito familiar, como também, na socialização das pessoas com Síndrome de Down no meio social onde vive.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, P. C. **A trajetória da estimulação precoce à psicopedagogia inicial**. Escrita da criança. n.3. Porto Alegre. Centro LydiaCoriat de Porto Alegre, 1990.

CREFONO. **Os Benefícios da Intervenção Fonoaudiológica Realizada no Setor de Estimulação Precoce na APAE em Marau – RS**. GIACCHINI, V; MOTA, H. B. Congresso Sul-Brasileiro de fonoaudiologia, Marau, 26 jul. 2014. Acessado em 26 jul. 2014. Online. Disponível em: http://crefono3.org.br/Geral/cong_sul_bra_fono/resumos/os_beneficios.pdf

GUNDERSEM, K. **Crianças com síndrome de Down: guia para pais e educadores**. Porto Alegre, 1990.

RANGEL, G. A. **Aquisição da Linguagem Oral e Escrita com Crianças com Síndrome de Down**. 2010. Projeto de Pesquisa. CNPq.

TRISTÃO, R. M; FEITOSA, M. A. G. **Linguagem na Síndrome de Down. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.14, n.2, p. 127 - 137, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, 2003.